

DULLES

PARECE que o sr. Foster Dulles vem ao Brasil e a outros países da América do Sul. A notícia é boa. Por menos interessante que seja a personalidade do sr. Foster Dulles, é ele o encarregado da política exterior norte-americana. O fato de ele nos visitar indica pelo menos uma certa preocupação com o estado das relações entre os dois países, relações a que o Departamento de Estado tem dado um mínimo de atenção.

Na primeira de uma série de entrevistas que deu a Medeiros Lima, na «Última Hora», o professor Hermes Lima nego-se a reconhecer qualquer diferença substancial da atitude dos Estados Unidos em relação ao nosso país, quando os demócratas ou os republicanos estão no poder. Para o Departamento de Estado não há o Brasil, há a América Latina, área destinada a produzir matérias primas, área cujo atraso não comporta vastos investimentos substanciais ou básicos.

Pode ser que em substância o professor Hermes Lima tenha razão; mas de qualquer modo há uma certa tendência dos demócratas a dar mais atenção à América Latina, fazer uma política mais liberal no Hemisfério. Ligados muito mais diretamente aos grandes trusts, os republicanos são mais duros em relação à América Latina. Respondem quase bruscamente a qualquer sugestão no sentido de ajudarem o desenvolvimento de nossos países, mandando-os criar facilidades e garantias para o capital particular. Foster Dulles tem se mostrado cem por cento partidário desse estilo.

Qual será o sentido de sua viagem? Ele poderá pedir ou exigir maior submissão do Brasil aos trusts americanos em troca de ajudas de momento, que desafoguem nossa situação — e não sabemos da capacidade de resistência de nossos homens de governo a uma ação desse tipo. De qualquer modo a atitude da SUMOC em relação à American Can é de causar apreensão; e as «ondas» contra o monopólio estatal de petróleo estão sempre se renovando. Também podemos ser otimistas; e esperar que o sr. Dulles esteja consciente da irritação causada em amplos setores da vida brasileira pela política de Washington a nosso respeito e pretenda inaugurar uma política menos dura, mais próxima da antiga «Boa Vizinhança».

De qualquer modo é bom que ele venha por estes lados; se nossos homens de governo não quiserem ou puderem exprimir essas verdades sobre as relações entre os dois países, não faltará quem o faça na imprensa ou no Parlamento; ele há de sentir que o ambiente aqui é muito diferente do que existia antigamente, e que o clima fabricado pelo presidente Roosevelt ainda é aquele em que respiramos melhor.

29.4.58